



A tradição dos apêndices lusitanos – um exemplo do século XVII

Eliabe dos Santos Procópio¹
Fabiano Henrique Rocha²

RESUMO:

Esta é uma análise da seção “Advertencias en ordem a emendar, e melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas”, uma lista de palavras “erradas e emmendadas”, que se encontra como apêndice na obra Ortografia da Lingua Portugueza, de João Franco Barreto (1671). Este artigo objetiva (1) demonstrar que existe na língua portuguesa uma tradição gramatical à maneira do Appendix Probi, que foi iniciada por Leão em 1576; e (2) descrever essa lista de palavras sob a visão da Sociolinguística, visto que é um registro de pronúncias típicas do português seiscentista. Para tal adota-se a categoria metaplasmo. A seção “Advertencias” apresenta um propósito normativo, estrutura-se em duas colunas, segue um método contrastivo e pode ser transmitida separadamente sem que haja prejuízo à sua finalidade. Essas características o qualificam como pertencente à tradição dos apêndices lusitanos (appendices lusitanae). No geral, essas palavras manifestam 3 tipos de variações, que ainda hoje ocorrem em português, que são: alçamento vocálico (melhor→milhor), concorrência entre [v] e [b] (varrer→barrer); e inserção de vogais protéticas (recadar→arrecadar).

PALAVRA-CHAVE:

Apêndice lusitano;
Ortografia Seiscentista;
Metaplasmo.

¹ Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara). E-mail: eliabeprocopio@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>

² Professor da Secretaria de Educação de Roraima. Especialização em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e licenciado em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: bianolimao@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0015-2453>

1 Introdução

Este artigo analisa a seção ‘Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas’ da obra **Ortografia da Língua Portuguesa**, de João Franco Barreto (1671), com o objetivo de demonstrar que existe na língua portuguesa uma tradição gramatical à maneira do Appendix Probi (Séc. IV d.C.).

As ‘Advertências’ é uma seção textual do tipo apêndice que aparece em manuais de ortografia, compõe-se de uma lista de palavras certas e erradas, e apresenta um propósito prescritivo. Essas características discursivo-textuais possibilitam estabelecer um paralelo entre esse tipo de apêndice e o Appendix, cuja autoria se atribui equivocadamente ao gramático latino Valério Probo (Séc. I d.C.).

A orientação normativa das ‘Advertências’ fundamenta-se na confusão entre a noção de fala e sua representação gráfica, afinal esses apêndices foram produzidos numa época em que se buscavam consolidar uma gramática nacional e padronizar um sistema ortográfico para a língua portuguesa. Nesse cenário, ortografia era, por assim dizer, a única teoria gramatical desenvolvida no âmbito dos estudos linguísticos. Parece disparatado afirmar que ortografia é uma teoria gramatical, porém essa é a visão desse período, em que se copiava o modelo latino de gramática e se perpetuava a definição de gramática pautada pela noção de correção e pela superioridade da linguagem literária escrita: “arte de falar corretamente e a explicação dos poetas³” (QUINTILIANO, *Inst.*, I 4:2).

Na visão da gramática tradicional, ortografia funciona como a ciência da letra, a menor unidade gramatical, que ensina a escrever corretamente (*recte scribendi*), e como o estudo da pronúncia correta (*recte pronunciandi*), assemelhando-se ao que se denomina hoje de Fonologia e suas subáreas (prosódia e ortoépia, por exemplo), conforme Calvo Fernández (1995). Uma prova disso é que as gramáticas portuguesas fixam suas discussões na escrita. João de Barros (1540⁴), por exemplo, reproduz as definições clássicas dizendo que gramática é a ciência da letra e “hũ módo çerto e iusto de falár, e escreuer, colheito do uso, e autoridade dos barões doutos” (p. 3). A letra, de acordo com Barros (1540), é a menor parte de qualquer palavra (dição) que se pode escrever e formar palavras.

Ao confrontar duas versões duma mesma palavra, as ‘Advertências’ retratam não só a visão de erro linguístico em sua época, mas também as variações linguísticas que ocorriam no português seiscentista, cuja caracterização possibilita estabelecer o padrão

³ “recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem” - Tradução de PEREIRA M A. **Quintiliano gramático**. São Paulo: Humanitas, 2000.

⁴ BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone: Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.

variacionista do período barroco da língua portuguesa e delinear o português trazido para a colônia americana. A importância do século XVII para o Brasil está no avanço da produção açucareira e a consequente substituição da mão de obra indígena pela africana, ou seja, esse século representa o momento em que os portugueses se fixam de fato na América, importando o padrão barroco da última flor do Lácio para as terras tropicais.

Diante desse cenário, esta análise objetiva também descrever as variações linguísticas registradas por Barreto (1671). Para isso, adota-se o conceito de metaplasmos e recorre-se às ideias gramaticais que orientam a escrita portuguesa seiscentista com o propósito de compreender as bases que levam Barreto a propor uma determinada grafia em detrimento de outra.

O Appendix Probi é a principal fonte para o estudo do latim vulgar (SILVA NETO, 1956), assim como os apêndices lusitanos⁵ podem ser para a descrição diacrônica da língua portuguesa. Numa visão sociolinguística, os apêndices lusitanos são registros que documentam as variações linguísticas do século XVI ao XIX. Na sincronia posterior, o movimento de sistematização ortográfica ganha uma base científica mais sólida, com a publicação de **Ortografia Nacional** (1904), de Gonçalves Viana.

2 Síntese histórica da ortografia portuguesa

A escrita portuguesa tem seus primórdios no fim do século XIII com a imposição de D. Dinis, que tornou obrigatória a redação de documentos oficiais em português vulgar. A partir de então, ela sofreu uma instabilidade no seu padrão gráfico ao longo dos séculos por causa das variações dialetais, das mudanças no sistema gramatical e da arbitrariedade nas decisões ortográficas realizadas por copistas e impressores, que quase sempre buscavam transcrever a fala com o objetivo de estabelecer uma proximidade entre grafia e unidade fônica.

Somente no século XVI, é que surgem as primeiras gramáticas portuguesas⁶, impulsionadas pela busca duma identidade lusitana que consolidasse a constituição de um Estado nacional. Fernão de Oliveira (1536) e João Barros (1540) são os autores das primeiras gramáticas de português.

A sistematização da língua portuguesa ia além do estabelecimento de regras gramaticais. Era necessário padronizar também a escrita dessa língua, porém sempre com vistas à normatização da fala. Surgem então os manuais de ortografia, de que são exemplos: **Regras que Ensinam a Maneira de Escrever a Orthographia Portuguesa** (1574),

⁵ Claro que além dos apêndices lusitanos, existem os vários *corpora* linguísticos de orientação histórica.

⁶ A primeira gramática portuguesa saiu atrasada, se se compara com a língua espanhola: **Grammatica Antonii Nebrissensis**, de Antonio de Nebrija (1492).

de Pero de Magalhães de Gândavo, e **Orthografia da Língua Portuguesa** (1576), de Duarte Nunes Leão.

Nos séculos seguintes, aparecem vários outros títulos, alguns típicos manuais gramaticais, outros comentários, discussões, manuais de regras de ler e escrever. Somam-se a esses materiais os dicionários, os vocabulários e os tesouros lexicográficos, todos eles objetivando padronizar a gramática, a grafia e a fala de língua portuguesa (PROCÓPIO, 2014).

A história da ortografia portuguesa divide-se em três momentos: o fonético, que é datado desde os primeiros textos escritos até o século XVI; o etimológico ou pseudoetimológico, que é datado do fim do período fonético até 1904, com a publicação de **Ortografia Nacional**, de Gonçalves Viana; e o simplificado ou reformado, que representa o atual modelo ortográfico (MELO, 1951; WILLIAMS, 1961; COUTINHO, 2000).

Durante o período fonético, pelos mais diversos motivos, o português na modalidade escrita não era praticado pela maioria dos falantes, e quem o utilizava tratava de escrever aproximando a grafia da percepção auditiva (escrita fonética). Havia, então, um modelo de escrita grafo-fonético, em que escribas e copistas registravam suas percepções da fala.

A partir do surgimento das primeiras gramáticas e dos manuais de ortografia, a escrita portuguesa começa a se organizar com vista à padronização. Com isso, os autores dos manuais de ortografia passam a incluir como apêndice orientações sobre a forma correta de se escrever uma palavra. Para tanto, eles utilizavam a técnica da comparação entre a forma errada e a ‘emendada’ das palavras.

Essas orientações têm como fundamento a visão normativa de língua que circulava nas respectivas épocas, representam a confusão entre os conceitos de língua, gramática e grafia, e demonstram as variações linguísticas do português, visto que esses autores relatam exemplos aleatórios que possivelmente ouviam ou liam em textos coetâneos. Do ponto de vista sociolinguístico, esses exemplos são dados para uma análise variacionista e indicam que eram formas linguísticas próprias ao seu momento.

3 Ortografia da Língua Portuguesa (1671)

A **Ortografia**, publicada em 1671, de João Franco Barreto, apresenta uma teoria geral da escrita em língua portuguesa, com base em textos literários e filosóficos da cultura greco-latina; é composta de 58 capítulos.

No capítulo 1, intitulado ‘Que coisa é Ortografia e de que conta’, o autor define ortografia como “a arte de bem escrever qualquer linguagem e as vozes com as letras devidas” (p. 01). No início da obra, o ortógrafo discute as noções de língua e linguagem, porém de forma confusa, afinal essa diferenciação conceitual só é feita nos séculos

seguintes com a sistematização dos estudos linguísticos. Nesse capítulo, Barreto retoma a etimologia do vocábulo ortografia (“deriva-se este nome de duas dicções Gregas; *Orthos*, que quer dizer direito, e *Grapho*, escrevo; como se disséssemos, escrevo diretamente ou escrevo como pronuncio: porque de outro modo ficará a escrita corrompendo a linguagem”), a partir do qual o autor apresenta outras informações etimológicas relacionando-as com a defesa de que a escrita deve se pautar pela fala. Caso contrário, a escrita, definida pelo autor como vozes, pode corromper a própria linguagem, ou seja, a fala. Mais adiante, o autor relaciona o processo da variação linguística à noção de erro afirmando que: “errar nas operações (escrita) sempre foi, por si só, feio” (p. 02).

No capítulo 2, intitulado ‘Quem foi que inventou as letras’, o autor usa a religião como princípio científico ao apontar que: “tiveram princípio em Adão: porque havendo Deus dotado de tanta sabedoria, que pôde dar nome a todas as coisas e criaturas” (p. 08). Essa afirmação apresenta uma visão criacionista, por meio da qual a noção de língua é associada a uma dádiva divina. Sendo assim, a variação ortográfica e fonética é uma transgressão contra o próprio Deus.

No capítulo 3, intitulado ‘Continuando o mesmo propósito’, o autor persiste nesse viés religioso recorrendo a história da Torre de Babel para explicar o surgimento das línguas grega, latina, hebraica e egípcia.

No capítulo 4, intitulado ‘Se a língua portuguesa foi uma das setenta e duas’, Barreto afirma que o português não foi uma das línguas surgidas na confusão de línguas na Torre de Babel, porém, indiretamente, busca valorizar o português como uma língua românica, afirmando que o latim foi umas das línguas surgidas no referido evento bíblico.

Nos capítulos 5 e 6, nesta ordem intitulados de ‘Se em Portugal foi vulgar a Língua Latina’ e ‘Das partes da vulgar língua’, Barreto diz que a língua portuguesa falada inicialmente em Portugal não era pura e gramatical, isto é, uma língua sem uma gramática sistematizada; e que cada classe social fez um uso diferente como “os vulgares, a gente popular, plebeia, servil e nobres” (p. 27). Nesse panorama, o autor apresenta uma comparação entre a variedade das palavras latinas nos idiomas grego, flamengo, castelhano, francês, português, italiano e inglês.

Nos capítulos 7 e 14, Barreto descreve as classes gramaticais, começando pelo ‘nome’, que ele divide em: (1) substantivos próprios ou apelativos e (2) adjetivos próprios ou apelativos, dizendo que esses são nomes gerais das coisas e os adjetivos, acidentes nos substantivos, isto é, as flexões morfológicas; (3) verbos, como a terceira parte das orações e que têm a maior importância sendo formado por uma raiz, pessoa, número, tempo e modo; (4) participios, como a quarta parte das orações e definidos como palavras que nascem dos verbos e deles recebem tempo e significação; (5) preposições, que “são parte indeclinável que carece de gênero, número e caso”; (6) advérbios, que

ajudam o verbo ou o nome a exprimir a sentença; (7) conjunções, que são “palavras que unem e atam as palavras”; (8) interjeições, que são “palavras que servem para demonstrar efeitos e paixões como alegria, dor e maravilha”; e (9) artigos, que servem para distinguir os casos dos nomes.

No capítulo 15, intitulado ‘Da divisão das letras’, o autor apresenta princípios fonéticos da língua portuguesa e propõe uma normatização do uso das consoantes c/j/v, que representam sons da fonologia portuguesa diferentes da latina. A letra c representa na pronúncia latina reconstituída o fone oclusivo velar desvozeado [k], a letra j surgiu no latim tardio e representava ou a semiconsoante ou a variação gráfica juntamente com os fones [y] e [i] para a vogal alta anterior não arredondada [i]; e a letra v representava a vogal alta posterior arredondada [u], que assumiu uma articulação sonorizada derivando a fricativa labiodental vozeada [v] do português.

Do capítulo 16 ao 25, Barreto apresenta uma a uma das vogais e os ditongos, porém não fica claro se é uma proposta autoral ou um cotejo de manuais ortográficos coetâneos (“vogais são as principais letras por que fazem por si só a voz de forma longa ou breve”); e, no último desses capítulos, prescreve os falsos ditongos: ee; ij; iy; õo, uu.

Do capítulo 26 ao 44, o autor apresenta uma a uma das consoantes. Para tal, utiliza textos literários para validar seu argumento e normatizar o uso dessas formas na língua portuguesa. No capítulo 45, intitulado de ‘Se as letras se devem duplicar’, Barreto propõe uma normatização para a duplicação das consoantes r/s/t, como em: ferramenta, cavallaria, gottejar.

Do capítulo 46 ao 51, o autor arrola vários preceitos gramaticais, exemplificando-os com textos literários, com a finalidade de prescrição ortográfica. São alguns exemplos: (1) aspiração “não temos necessidade de aspirar letra alguma”; (2) formação de plural, colocamos a letra ‘s’ em nomes terminados em vogais, colocamos o grupo ortográfico ‘eys’ em nomes terminados com a letra ‘l’ (cruel/crueys), e ‘is’ em nomes terminados com ‘il’ (gentil/gentis); (3) composição silábica, formada por consoante + vogal ou consoante + vogal + semivogal, afirmando que as consoantes ‘l, m, n, q, r, s, x e z’ não podem formar pares com outras consoantes.

No capítulo 52, o ortógrafo versa sobre os acentos gráficos que servem para diferenciar palavras e são empregados na sílaba mais forte. No capítulo 53, ocupa-se do uso dos apóstrofes. Do capítulo 54 ao 57, defende que apenas se aprende a escrever bem com a prática regular da escrita empregando corretamente vírgula, interrogação, admiração, parênteses, parágrafo e elementos textuais, tais como: abreviaturas, divisão, ângulo, ápice, hybreu e antyphen. No capítulo 58, o autor conclui retomando a ideia inicial de que ortografia é a arte de escrever bem: “não por letras demais nem de menos”.

Após essa sequenciação capitular, Barreto retoma partes do manual Regras gerais da ortografia Portuguesa (1576), de Duarte Nunez Leão, o primeiro ortógrafo da língua

portuguesa, e afirma que sua obra tem relação com a de Leão. Essa informação é importante para manter uma coerência na análise comparativa entre os apêndices, visto que os próprios ortógrafos dão testemunho de suas fontes.

A obra é encerrada com um apêndice, intitulado ‘Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas’, objeto de estudo desta pesquisa, e com referências e erratas. Nas referências, o autor apresenta uma lista de obras utilizadas como exemplificação em seu texto. Basicamente, são obras em língua latina, o que parece incoerente, visto que não cabe propor uma grafia portuguesa com base direta na literatura latina.

4 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa adota a categoria metaplasmo, um conceito criado dentro dos estudos históricos da língua para caracterizar às alterações fonéticas sofridas por uma palavra. Essas alterações são representadas por grafias que tentam aproximar-se da fala e indicam três processos fonéticos: supressão, aumento ou mudança (transposição ou transformação).

Com base em uma visão tradicional da mudança linguística, o conceito de metaplasmo é percebido de forma negativa, conforme se verifica nas seguintes definições: corrupção fonética (SILVEIRA, 1934, p. 59); alterações phoneticas ou as modificações accidentais do systema phonetico, que soffre os vocábulos em suas transformações históricas (PEREIRA, 1923, p. 50); irregularidade de declinação ou de conjugação, que consiste na sucessão de formas de temas diferentes (MACHADO, 1967).

A mudança linguística, conforme essa visão tradicional, é um processo de corrupção, que macula a representação de uma língua nacional, pura, limpa e regrada pelo cânone literário. A mudança linguística é, porém, o resultado de um processo de variação, no qual formas linguísticas competem entre si e, com o tempo, (1) uma delas suplanta suas formas concorrentes, (2) passa a ocupar determinados contextos de usos ou (3) mantêm-se o percurso de variação. Nesse sentido, os processos de variação e mudança são inerentes de toda língua, afinal eles representam as transformações e as necessidades sociais.

Essa percepção negativa do conceito de metaplasmos é observada também no próprio título do apêndice ‘Advertencias em ordem a emmendar & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas’ (grifo nosso), por meio de palavras (as sublinadas) que denotam o sentido negativo que se atribui ao processo de variação linguística.

Apesar de metaplasmos ser um conceito criado por uma visão tradicional de mudança linguística, na qual se ignora a noção de variação e se interpreta que a mudança afeta o caráter sistêmico da língua, esta pesquisa se orienta por uma perspectiva

sociolinguística (a mudança como resultado do processo variacional) para analisar os processos metaplasáticos do apêndice de Barreto (1671).

O apêndice em questão está estruturado em duas listas de palavras: “emendadas”, que para João Franco Barreto representam a forma ortográfica correta, e “erradas”, que representam formas usadas errônea e vulgarmente. Essas palavras estão distribuídas em 239 pares de vocábulos, totalizando 478 palavras, que são agrupadas na seguinte ordem alfabética (e quantitativa): A/41, B/07, C/25, D/16, E/24, F/09, G/04, H/02, I/07, M/19, N/03, O/07, P/26, Q/04, R/11, S/15, T/11 e V/08.

Esta pesquisa analisa cada par de palavras e as reagrupa por nível de variação linguística: fonético, semântico, lexical ou ortográfico. No grupo de variações fonéticas, as palavras estão distribuídas entre as quatro categorias de metaplasmo e dentro delas, redistribuídas em subcategorias de acordo com o processo sonoro.

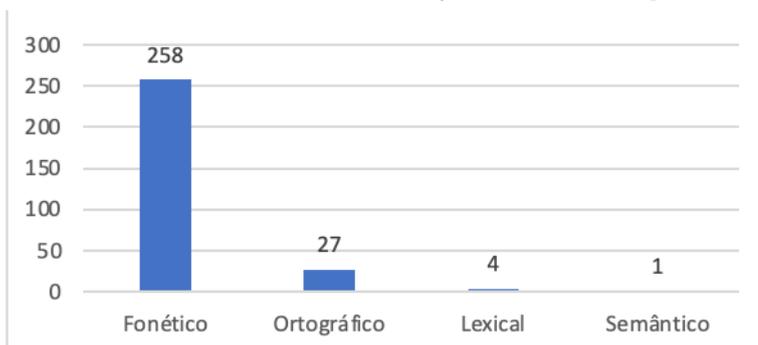
Ainda no nível fonético, algumas variações são explicadas pela teoria dos traços distintivos, afinal um fonema é um conjunto de propriedades (acústicas, articulatórias e perceptuais) e a variação/mudança fonética implica a transformação total ou parcial do fonema. A associação entre a teoria dos traços e o estudo dos processos metaplasáticos busca inovar a descrição histórica da variação fonética e demonstrar que a variação/mudança é um processo lento e demorado. Assim as transformações sonoras ocorrem nas propriedades, não diretamente no fonema.

O percurso analítico vai das “emendadas” para as “erradas”, numa tentativa de assumir a visão de Barreto e explicar como essas formas variam grafo-foneticamente no português setecentista.

5 Análise e discussão dos dados

A seção ‘Advertencias em ordem a emendar & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas’ está composta de 239 pares de palavras (total de 478 palavras), que apresentam variações do nível não só fonético, mas também ortográfico, lexical e semântico, totalizando 290 casos. Algumas dessas palavras apresentam mais de um processo variacional, por isso se explica a diferença que existe entre a quantidade de pares de palavras e a de variações identificadas. O gráfico adiante apresenta o quantitativo de cada uma dessas variações, conforme o nível linguístico:

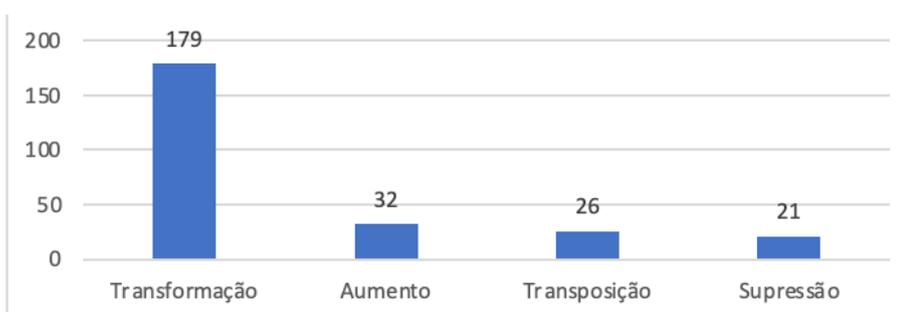
Gráfico 1 – Quantitativo da variação por nível linguístico



Esse quantitativo demonstra a preocupação do ortógrafo com relação à fala da língua portuguesa, já que a maioria dos dados está concentrada no nível fonético, representando a visão equivocada de língua da época. Os exemplos das Advertências associam diretamente o modo como as pessoas falam ao modo como o autor propõe sua teoria para o sistema ortográfico do português. Essa visão equivocada de fala orienta essa e tantas outras tentativas de sistematização da ortografia portuguesa.

No nível fonético, alguns pares de palavras manifestam mais de um processo metaplasmático, como, por exemplo, Frenetico → Farnetego, em que são identificados os processos de 1. metátese; 2. metaforia [fre] para [far]; 3. metaforia [i] para [e]; e 4. sonorização [k] para [g]. Por isso, no Gráfico apresentado anteriormente, há um maior número de processos fonéticos (258) do que de pares de palavras (239). Indica-se, a seguir, o quantitativo dos processos fonéticos, cuja classificação recupera a revisão teórica realizada por Rocha e Procópio (2016)⁷:

Gráfico 2 – Classificação dos processos fonéticos



⁷ Material elaborado para atividades formativas em Filologia Portuguesa, no qual resenhamos e sintetizamos várias definições e tipologias sobre metaplasmo.

Os metaplasmos por transformação são mais produtivos do que as outras categorias, apresentando-se com maior número de processos fonéticos no corpus. Esse resultado repete aquele alcançado por Procópio (2014) demonstrando que a língua portuguesa possui maior predisposição para a variação por transformação, quando comparada aos outros tipos de alterações fonéticas. A seguir, são apresentados e discutidos, por ordem de frequência, os tipos de transformações fonéticas presentes no corpus.

A metafonía consiste na mudança de timbre ou altura de uma vogal, e ocorre 108 vezes no corpus, quase metade dos 239 dados analisados. A vogal *e* é o tipo sonoro mais propício a esse tipo de variação, porque suas características fonéticas, tal como a articulação livre, possibilitam esse processo de flutuação. As vogais identificadas na análise variam da seguinte maneira: [a] para [e], [i], [o], [u]; [e] para [a], [i], [o]; [i] para [a], [e], [o], [u]; [o] para [a], [e], [i], [u] e [u] para [i], [o].

O diagrama adiante apresenta uma esquematização desses movimentos de flutuação vocálica, cuja seta de indicação parte da vogal para as variações:

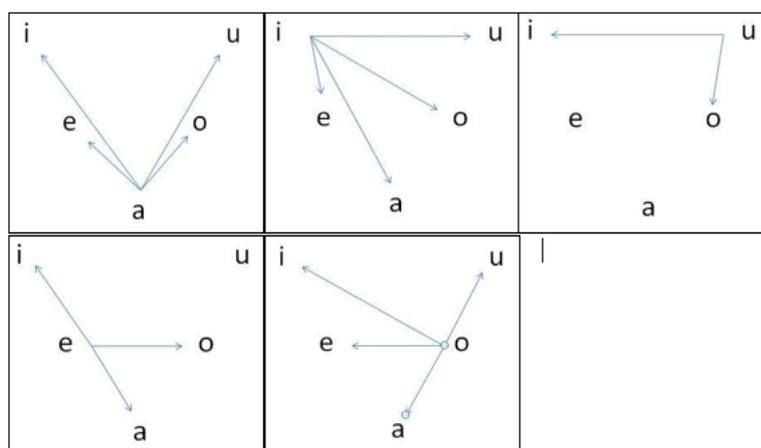


Diagrama 1 – Flutuações das articulações vocálicas

O movimento das setas mostra que existe uma maior possibilidade de variação articulatória (posição) das vogais [a], [i] e [o] e uma menor nas vogais [e] e [u]. A variação da vogal [e], no entanto, foi a mais produtiva, contando com 45 ocorrências, das quais 28 consistem na mudança de [e] para [i], uma alternância muito típica no português, inclusive na atualidade.

A vogal [a] varia na articulação da altura da língua para todas as posições (alta, média e baixa), seja na sílaba tônica ou átona, seja no começo, meio ou fim de palavra, modificando-se, por essas características, com maior facilidade do que as outras vogais.

A vogal [i] permite pelo menos dois níveis de variação de acordo com o contexto fonético e pode além de variar sua articulação, influenciar na palatização de [t], [d], [l] e [n].

A vogal [o] sofre metafoia entre a articulação aberta e fechada. Essa metafoia em português tem valor morfológico, marcando gênero, como em avó e avô, ou número, como em *fôgo e *fógos.

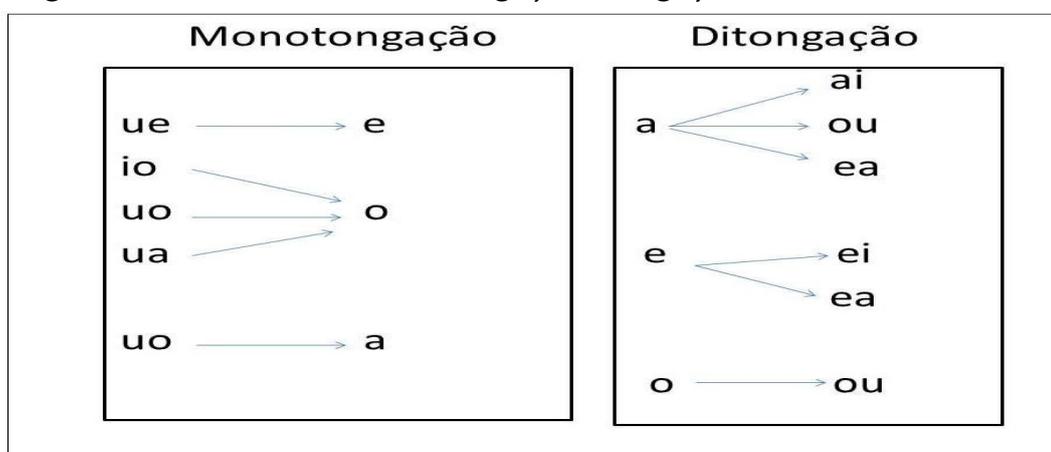
A variação de /e/ para /i/ é justificada pelo processo de neutralização, que é definido como a perda de contraste fonêmico. Esse processo é comum no sistema fonológico da língua portuguesa, principalmente nas vogais pretônicas, reduzindo-se o sistema de 7 para 5 /i, u, e, o, a/; nas átonas não finais, reduzindo-se para 4 /i, u, e, a/; e nas átonas finais, reduzindo-se para 3 /a, i, u/, conforme diz Câmara Jr. (1977).

Essas flutuações vocálicas não ocorrem de forma aleatória no português seiscentista, porém demonstram um padrão de ocorrência, que se iniciou antes mesmo da publicação da obra de Barreto e se mantém no português contemporâneo.

A monotongação e a ditongação são os processos de redução de ditongo a uma vogal ou a realização de uma vogal com um ditongo. Retomando-se a ideia de que as vogais apresentam articulação livre e por isso tendem a variar facilmente, não é aleatório que os processos de monotongação/ditongação são os mais numerosos fenômenos de transformações depois da metafoia. São contabilizadas 8 ocorrências de redução (alheyo → alheo) e 10 de aumento (abaxar → abayxar).

A monotongação varia de [eu] para [e]; [io], [uo] e [ua] para [o]; e [uo] para [a]. Quanto à ditongação, a variação ocorre de [a] para [ei], [ea] e [ou]; [e] para [ei] e [ea]; e [o] para [ou]. Esses processos são esquematizados no diagrama a seguir:

Diagrama 2 – Processos de monotongação/ditongação



O diagrama mostra que o processo da monotongação ocorre em ditongos formados por vogais altas e médias/baixas, que se transformam em vogais médias/baixas; e o da ditongação ocorre de vogais baixas/médias para ditongos formados por vogais

médias. Esses processos ocorrem de maneira complementar (por que não dizer processos espelhados!), em que a monotongação tende a baixar a altura das vogais e a ditongação tende a alçar a articulação vocálica. A redução do ditongo produz o abaixamento na articulação das vogais [e], [o] e [a], já a ampliação para os ditongos produz o alçamento das vogais [a], [e] e [o].

Os processos de ditongação e monotongação demonstram que a variação linguística é um processo presente em todas as línguas constituindo-se numa heterogeneidade estruturada, isto é, as variações linguísticas não ocorrem de forma aleatória e desordenada, porém configuram-se de uma ordenação sistematizada.

A nasalização e a desnasalização são processos em que um som oral se transforma em nasal (exemplo → enxemplo), ou o contrário (estima → estiba). Na realidade, a nasalização ocorre pela assimilação de propriedades sonoras do contexto próximo, em que uma vogal incorpora o traço nasalidade do fonema seguinte. No corpus, há 7 ocorrências de nasalização e 3 de desnasalização.

A sonorização e o abrandamento são processos em que ocorre o vozeamento ou o desvozeamento de uma consoante, que geralmente é a forma oponente de seu par mínimo. No corpus, são contabilizados 9 casos como: arbitrar → alvidrar (t/d), batizar → boutiçar (ç/z), frenético → farnetego (c/g), miudeza → meudesa (s/z).

O lambdacismo é a transformação do fone [r] em [l]. Ao total, são identificadas 8 ocorrências, ~~come~~, por exemplo: arbitro → alvidro, armario → almario, astronomia → atrolomia. No corpus, há 2 casos que podem ser classificados como lambdacismo, pois envolvem a transformação do [n] em [l]. Esses dois sons apresentam articulações muito parecidas, diferenciando-se apenas por 3 propriedades (continuidade, nasalidade e lateralidade). No quadro adiante são apresentados os traços fonológicos compartilhados entre /l/ e /n/, para demonstrar que eles se diferenciam apenas por duas características:

Quadro 1 – Traços compartilhados entre /l/ e /n/

traço/consoante	l	n	l	n	consoante/traço
silábico	-	-	+	+	consonantal
alto	-	-	+	+	soante
baixo	-	-	+	+	anterior
recuado	-	-	+	+	coronal
arredondado	-	-	+	+	vozeado
estridente	-	-			
soltura retardada	-	-			

A vocalização é a transformação de uma consoante em vogal. No corpus, são identificadas 7 ocorrências de vocalização, das quais uma delas (apto → alto) pode ser explicada como sendo uma confusão lexical ou uma tentativa equivocada de reestabelecer o grupo consonantal latino “-pt-”, que na evolução do latim para o português ora foi perdido ora mantido em algumas palavras (como em recepção < receptionem). O par apto/alto pode ainda ser um indicativo de que a diferenciação era apenas gráfica, ou seja, que não eram articuladas na fala tanto o p quanto o l em posição vocálica.

As outras ocorrências de vocalização indicam a variação, pelo menos no nível ortográfico, como resquício do português arcaico, que ainda mantinha forte ligação fonética com o latim. O grupo consonantal latino “-ct-” palatalizou em muitos casos, como fecto>facto e noite>noctem. Em nosso corpus, são identificados os seguintes exemplos: coleytor → collector, douto → docto, doutor → doctor, doutrina → doctrina, efeyto → efecto e reytor → rector.

A labiodentalização e a bilabialização são variações encontradas quando o som se articula total ou parcialmente bilabial. No corpus, existem 3 casos do primeiro e 5 do segundo, de que são exemplos: sanguixuga → sambixuga e varrer → barrer.

O rotacismo consiste na transformação do fone [l] em [r], processo fonético inverso ao lambdacismo. São quantificadas 6 ocorrências, de que são exemplos: fleyma → freima e negligente → negrigente.

Os processos de assimilação e dissimilação são a aproximação ou a perfeita identidade de dois sons, por força da influência que um exerce sobre o outro; e a diversificação de um som pelo fato de já haver outro igual ou semelhante no vocábulo, respectivamente. Do primeiro, são encontradas 2 ocorrências: bautismo → boutiço (ç-sm), no qual a cedilha representa o som africado [ts]; e melanconizado → maninconizado, em que o contexto nasal, composto por dois sons nasais [m] e [n], influencia na transformação de [l] em [n]. Do segundo processo, é identificada apenas 1 ocorrência, começar → compençar, em que se elimina a letra p, cuja inclusão na linguagem popular poderia haver ocorrido por uma hipercorreção com base num som com características próximas ao do outro.

A variação começar/compençar pode ser também compreendida como a intrusão ortográfica de p, uma prática fonética que, conforme Williams (1961), teve início no latim vulgar e medieval com a inserção do “p entre m e n com a finalidade de preservar o som de ambas as consoantes nasais (que) continuou-se no Português Arcaico por mera tradição ortográfica”. Diversos erros ortográficos foram criados com base nessa inclusão consonantal, pois é uma proposta ortográfica que foge do padrão etimológico que se adotava para a escrita desse período, grafando-se, por exemplo, escrepver, escripto e compdenar, cita Williams (1961).

Os metaplasmos por aumento caracterizam-se pela adição de massa fônica e contabilizam 32 ocorrências, que se dividem entre casos de prótese e epêntese.

A prótese é a inserção de um fonema no começo de uma palavra, de que são computadas 21 ocorrências, tais como: dayã → adayã, lanterna → alinterra, poupar → apolpar, recuar → arrecuar. Em todos os exemplos protéticos, há a inclusão da letra a, cuja origem remonta às preposições latinas: ‘ad’ que indica movimento, quando construída com acusativo; e ‘a’ que indica posição, quando construída com dativo. A inclusão dessas preposições já ocorria em latim clássico gerando variações linguísticas, diz Gaffiot (1934).

A epêntese é a inserção de algum elemento sonoro no interior do vocábulo, de que são detectadas 11 ocorrências, tais como: crônica → caronica e começo → compeço.

Os metaplasmos por transposição caracterizam-se pelo deslocamento de um elemento sonoro ou de um acento tônico, e somam 26 casos, que se subdividem em 18 hipéteses, transposição de um fonema na mesma sílaba (agradecer → agardecer); e 8 metátese, transposição de um fone de uma sílaba para outra (concluir → concurdir).

Por último, os metaplasmos por supressão sonora contabilizam 21 ocorrências, que podem ocorrer no começo (aférese), no meio (síncope) ou no final (apócope) de um vocábulo. São contabilizadas 8 ocorrências de aférese (distribuidor → estribuidor), 12 de síncope (almoço → almoço) e 1 de apócope (entonces → entã).

Os pares lexicais, que se caracterizam entre as observações ortográficas, contabilizam 27 ocorrências e são relacionados quase exclusivamente com o emprego das letras j, c e ç: origem → orijem, majestade → magestado; qualidade → calidade; cansar → cançar.

A ênfase nessas letras denota a preocupação com a sistematização ortográfica do português, principalmente com as letras que, dentre outras funções fonéticas, eram usadas para representar o crucial processo de variação do sistema de sibilantes na língua portuguesa.

Barreto demonstra também preocupação com a ortografia das nasalizações marcadas com m ao final de palavras (omenagem) e antes de p e b (empobrecer), e com n nos demais contextos sonoros (evangelho).

Outro ajuste com vistas à padronização ortográfica é o uso da letra y (i grego) que variava com i (latino). A recomendação é que seu uso ocorra só nos ditongos, tal como: bayxo.

Quanto à variação lexical, são identificadas 4 expressões coetaneamente concorrentes: dedo mínimo → meminho, churma → chusma, busano → gusano e exéquias → obsequias. Um dessas chama atenção, que é ‘dedo mínimo’, porque já era registrada em Leão (1576), conforme diz Procópio (2014, p. 445): “Por exemplo, Duarte Leão arrola ‘Dedo meiminho/Dedo mínimo’, porém por essa época – inclusive ainda hoje –

já se documentavam ocorrências, como: mendinho, mindinho, meiminho, meminho, advindas do Latim **minimīnu*, diminutivo de *minīmu*”.

É identificada também 1 ocorrência de variação semântica, *concelho* → *conselho*, que é classificada como uma homonímia: palavras que se assemelham na pronúncia e/ou na escrita, com significados diferentes. Conselho pode ser um aviso, um parecer ou um grupo de pessoas com funções deliberativas, como o conselho de ministros. Concelho se refere a uma divisão administrativa do território, como um município. Assim, as palavras *conselho* e *concelho* já existiam na língua portuguesa e estão corretas. Essa correção proposta por Barreto está inserida nas Advertências talvez porque o autor tenha identificado um uso equivocado que se fazia dessas palavras.

4 Conclusão

As Advertências apresentam um conjunto de variações linguísticas que ocorrem no século XVII e que persistem mesmo depois de passados quase 350 anos. As Advertências oferecem um retrato linguístico da sua época, cuja leitura e análise possibilitam conhecer as orientações ortográficas seiscentistas, bem como as variações do português desse período, que se caracteriza pelo estreitamento da relação entre representação ortográfica e fala culta.

Esse tipo de texto participa da tradição dos apêndices lusitanos (*appendices lusitanae*), que se configura como uma lista de palavras certas e erradas, e apresenta um propósito normativo. Essa tradição se inicia com o *Appendix Probi*, no século I d.C., e se perpetua em língua portuguesa nas mais diversas obras que versam sobre ortografia.

As Advertências caracterizam-se por apresentar estes 3 tipos de variações: a flutuação vocálica na direção do alçamento, que ainda hoje é um traço muito característico do português frente a outras línguas românicas, tal como *melhor* → *milhor*; a concorrência entre [v] e [b], como em *varrer* → *barrer*, que é um tipo de alternância que se mantém no português, porém circunscrita às falas menos escolarizadas e menos urbanas; e as próteses vocálicas, que eram depreciadas pela norma ortográfica da época, mas sobrevivem no português contemporâneo, como *recadar* → *arrecadar*, *render* → *arrender* e *reponder* → *arrepender*.

É quase impossível analisar os exemplos das Advertências e não os comparar com o português contemporâneo, afinal essa é a variedade linguística com a qual se tem contato imediato. Nessa comparação, observa-se que alguns fenômenos fonéticos atuais não são comuns nas Advertências, como a inserção vocálica no meio (*epêntese*) ou no final (*paragoge*) de uma palavra. As Advertências não registram exemplos de inserções *epentéticas* e *paragógicas*, visto que essa é uma marca fonológica desenvolvida no

português brasileiro, ou seja, o português europeu seiscentistas já sinalizava sua disposição para a redução vocálica, principalmente das átonas (MATEUS, 2006).

A proposta de sistematização ortográfica de Barreto já não se restringe a transcrever apenas aquilo que se fala, visto que o autor usa principalmente pressupostos etimológicos. Em sua proposta, orienta-se que a marcação gráfica da nasalização feita com m em fins de sílabas ou quando precedendo p e b em outros contextos fonológicos.

Outras orientações não foram acatadas, como a marcação do fone [i] pela letra y quando não precedida de consoante como em baxo/bayxo, que demonstra uma retomada do sistema greco-latino de escrita e que busca dar ares de língua culta para uma língua até então desprestigiada. A tentativa de modelar a ortografia portuguesa com ares clássicos também inclui a orientação de se inserir a letra a antes de verbos. Essa é uma instrução que remonta às preposições latinas ad que poderia indicar movimento, quando construída com acusativo, e a que poderia indicar posição, quando construída com dativo.

O direcionamento desta pesquisa é o de aprofundar a discussão sobre a existência desse tipo de tradição gramatical, a tradição dos apêndices lusitanos (appendices lusitanae), que possibilitam uma análise comparativa da língua portuguesa, sobretudo no âmbito grafo-fonético, tanto na sincronia quanto na diacronia. Os apêndices datam do século XVI ao XIX, a partir de então intensifica-se o movimento de padronização oficial da ortografia do português, cujo marco é a obra **Ortografia Nacional** (1904), de Gonçalves Viana. A seguir, é apresentada uma lista de manuais de ortografia que funcionam como suporte textual para os apêndices, elaborada com base em Kemmler (2001), Gonçalves (2003), Mateus (2006) e Silvestre (2019).

Referências

- BARRETO, J.F. **Ortografia da Língua Portuguesa**. Lisboa: Officina de Ioam Da Costa, 1671.
- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª. ed. Porto Alegre: PUC/RS, 2001.
- CALVO FERNÁNDEZ, V. **Grammatica proverbiandi**. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 1995.
- CÂMARA Jr. J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.
- GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachett, 1934.
- GONÇALVES, M. F. **As idéias ortográficas em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KEMMLER, R. Para uma História da Ortografia Portuguesa. **Lusorama**. v. 47-48, p. 128-319, 2001.
- MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 5ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- MATEUS, M. H. M. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. **Revista Estudos da Linguagem**. n. 3, p. 159-180, 2006. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1014>. Acesso em 06 ago. 2022.

MELO, G. C. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Solimões, 1951.

PEREIRA, E. C. **Grammática Histórica**. São Paulo: Monteiro Lorato, 1923.

PROCÓPIO, E. Appendix Probi Português. **Palimpsesto**. v. 13, nº 19, p. 444-458, 2014.

ROCHA, F. H.; PROCÓPIO, E. Proposta de um Glossário de Metaplasmos. In: I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas e VI Encontro dos Professores de Latim, 2016. Manaus.

Caderno de ... Manaus: EDUEA, 2016. p. 31.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVEIRA, A. F. S. **Lições de Português**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

SILVESTRE, J. P. **Escrita e ortografia**. Lisboa: Centro de Linguística, 2019.

TRASK, R. L. **A Dictionary of Phonetics and Phonology**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

Apêndice – Lista dos manuais de ortografia

1. Pero de Magalhães Gandavo (1574) – **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa**
2. Duarte Nunes Leão (1576) – **Orthographia da lingua portvgvesa**
3. Amaro de Roboredo (1615) – **Regras da Orthographia Portugueza**⁸
4. Álvaro Ferreira de Vera (1631) – **Orthographia, ou modo para escrever certo na língua portuguesa**
5. Bento Pereira (1666) – **Regras geraes, breves e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina e portugueza**
6. João Franco Barreto (1671) – **Ortografia da lingua portugueza**
7. João de Moraes Madureira Feijó (1734) – **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza**
8. Luís Caetano de Lima (1736) – **Orthographia da Lingua Portugueza**
9. Bernardo Fernandes Gaio (1738) – **Regras da orthografia da linguagem portugueza**
10. Frei Luís do Monte Carmelo (1767) – **Compendio de orthografia**, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos compreender facilmente a Orthologia, e Prosódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accentos proprios, da Lingua
11. Francisco Felix Carneiro Sotomaior (1783) – **Orthographia portugueza**, ou regras para escrever certo, ordenadas para uso de quem se quizer aplicar
12. João Pinheiro Freire da Cunha (1788) – **Breve Tratado da Ortografia** Para os que não frequentaram os estudos: Ou Diálogos Sobre as mais principais regras da Ortografia, úteis para o Povo menos instruído, e para os que não tendo frequentado as Aulas, se acham hoje empregados nos escritorios públicos, e dezejam acertar na praxe, sem grande multiplicidade de regras, que nam lhes são fáceis de compreender; e muito mais proveitosos aos meninos, que frequentam as escolas

⁸ Essa obra encontra-se desaparecida e consta apenas de “uma folha raríssima”, dizem Fernandes et al. (2007).

13. Francisco Nunes Cardoso (1790) – **Exame critico das regras da orthografia portugueza**
14. Luis Gonçalves Coutinho (1814) – **Resumo orthografico da lingua portugueza**
15. J. A. de Sousa (1853) – **Escritura repentina**. Nova tentativa de revolução orthographica
16. João Antônio Dias (1853) – **Noções geraes de orthographia da lingua portugueza**
17. Antônio José Vaz Velho (1856) – **Opúsculo sobre Ortografia dividida em Serões de Inverno**
18. Carlos Augusto de Figueiredo Vieira (1844) – **Ensaio sobre a Orthographia Portugueza**
19. José Tavares de Macedo (1861) – **Elementos de orthographia portugueza**
20. Francisco Xavier Calheiros (1866) – **Escrepta sem letras ou novo systema d’escrepta syllabica**
21. José Barbosa Leão (1875) – **Considerações sobre a Ortografia Portugueza**
22. José Tavares de Macedo (1861) – **Elementos de Orthographia Portugueza**



The tradition of lusitanian appendices - an example from the 17th century

ABSTRACT:

This article analyzes the section “Advertencias en ordem a emendar, e melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas”, a list of “wrong and amended” words that can be found as an appendix to the work *Ortografia da Lingua Portuguesa*, by João Franco Barreto (1671). This aims to (1) demonstrate that there is a grammatical tradition in the Portuguese language in the manner of the Appendix Probi, which was started by Leão in 1576; and (2) describe this list of words from the perspective of Sociolinguistics, since it is a record of pronunciations typical of Baroque Portuguese. For this, the category Metaplasm is adopted to characterize the phonetic variations represented in this appendix. The “Advertencias” section presents a normative purpose, it is structured in two columns, follows a contrasting method and can be transmitted separately without loss to its purpose. These characteristics qualify it as belonging to the tradition of Portuguese appendices (*appendices lusitanae*). In general, these words manifest 3 kinds of variations, which still occur in Portuguese today, which are: vowel raising (*melhor* → *milhor*), competition between [v] and [b] (*varrer* → *barrer*); and insertion of prosthetic vowels (*recadar* → *arrecadar*).

KEYWORDS:

Lusitanian appendix;
17th century spellings;
Metaplasm.